

## Projeto de extensão Diálogos urbanos no território Paulo Freire: uma discussão no espaço Paulo Freire: uma discussão no espaço urbano

*Extension Project urban dialogue in the Paulo Freire territory: public policies and construction of the right to the city*

Amanda Castro<sup>1</sup> Leonardo da Costa Bernardo<sup>2</sup> Maike Silveira Custódio<sup>3</sup> Mário Ricardo Guadagnin<sup>4</sup> Thainá Cabral Eugênio<sup>5</sup> Yasmine de Moura da Cunha<sup>6</sup> Vinicius Silva de Valentim<sup>7</sup> Débora Ferrazzo<sup>8</sup>

1 Doutora. Professora. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: amandacastrors@gmail.com

2 Discente. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: leo.bernardo013@gmail.com

3 Discente. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: maike0402@gmail.com

4 Doutorando. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: mrg@unesc.net

5 Discente. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: thainiacabral97@gmail.com

6 Doutoranda. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: ymc@unesc.net

7 Discente. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: vntmvinicius@gmail.com

8 Doutora. Professora. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil. E-mail: debora@unesc.net

Recebido em: 28/05/2020 | Aprovado em: 24/09/2020

DOI: 10.12957/interag.2020.51333

### Resumo

A gestão ambiental no espaço urbano ocorre na interface ambiente natural/ambiente construído, na apropriação do espaço, na transformação da paisagem, na identidade com o lugar, no exercício de poder, no território e suas novas territorialidades. O projeto "Diálogos Urbanos no Território Paulo Freire – políticas públicas e construção do direito à cidade" discute o espaço urbano e seus processos de gestão, tendo o fator ambiental como elo de relação das pessoas com o espaço habitado, ou concebido, percebido e vivido, para o resgate das relações dialógicas homem/ambiente na reflexão das ações e reações das territorialidades construídas no Bairro Cidade Mineira, na periferia de Criciúma, SC, Brasil. Na busca de caminhos para resolver e amenizar as situações vivenciadas de vulnerabilidades sociais do bairro, o projeto utilizou metodologias participativas. Para isso, foram realizadas atividades de integração e troca de saberes entre Universidade e Sociedade, tais como: linha do tempo, diagnóstico rápido participativo, muro das lamentações, árvore dos sonhos e atividades e exposições com resgate histórico do processo de construção e reprodução do espaço urbano. A comunidade, por meio da participação e integração ao longo dos encontros, atingiu um novo nível de empoderamento, territorialidade e exercício de poder sobre o espaço urbano, o que possibilitou a autonomia comunitária e socioambiental. Os participantes conseguiram resgatar a identidade de lugar por meio do resgate histórico do bairro, além de identificar prioridades e mobilizar ações nessa direção, a partir da elaboração, execução e avaliação do evento Mineirar, momento em que

### Abstract

*Environmental management in the urban space occurs at the interface between the natural environment and the built environment, the appropriation of space, the transformation of the landscape, the identity with the place, the exercise of power, the territory and its new territorialities. The project "Urban Dialogues in the Territory Paulo Freire - public policies and the construction of the right to the city" discusses the urban space and its management processes, with the environmental factor as a link for people to reconnect with the inhabited, or conceived, perceived and lived space, for the rescue of dialogical man / environment relations in the reflection of the actions and reactions of the territorialities built in Bairro Cidade Mineira, on the outskirts of Criciúma, SC, Brazil. In the search for ways to resolve and mitigate the situations of social vulnerabilities experienced in the neighborhood, the project used participatory methodologies. For this, integration activities and knowledge exchange between University and Society were carried out, such as: timeline, rapid participatory diagnosis, wailing wall, tree of dreams and activities and exhibitions with historical recovery of the process of construction and reproduction of space urban. The community, through participation and integration throughout the meetings, reached a new level of empowerment, territoriality and the exercise of power over the urban space, which enabled community and socio-environmental autonomy. The participants were able to recover the identity of the place through the historical rescue of the neighborhood, in addition to identifying priorities and mobilizing actions in this direction, based on the preparation, execution and evaluation of the Mineirar*

participantes da comunidade trouxeram pautas sobre separação de resíduos, violência e resgate de pertença via reconhecimento fotográfico da história.

*event, when community participants brought guidelines on waste separation, violence and rescue of belonging via photographic recognition of history.*

**Palavras-chave:** Cidadania. Sustentabilidade. Gestão territorial.

**Keywords:** *Citizenship. Sustainability. Territorial management.*

**Área temática:** Ciências Sociais/ Ciências Ambientais.

**Linha de extensão:** Gestão Ambiental Urbana Participativa.

## **Introdução**

As atividades desenvolvidas no projeto de extensão “Diálogos Urbanos no Território Paulo Freire: políticas públicas e construção do direito à cidade” visam propiciar espaços de diálogo e debate sob o intuito de fortalecer a identidade de lugar e a territorialidade relacionadas à comunidade. Desse modo, reconhece-se a importância das considerações teóricas de base histórico-cultural acerca da identidade de lugar quanto à compreensão de que a própria noção de “eu” dos sujeitos residentes no bairro Cidade Mineira Velha (Criciúma/SC) se encontra vinculada à sensação de pertencimento.

O pertencimento, associado à identidade de lugar, prevê que as interações dos sujeitos com os espaços geográficos não refletem meramente uma ocupação corporal, mas sim um contínuo e flexível processo de significação e apropriação ativa dos espaços que, mediante uma relação semiótica, são transformados em lugares.<sup>1</sup> Destarte, conforme os autores citados, há as práticas concretas de transformação dos espaços e as práticas significativas, estas últimas como um conceito que remete diretamente à relação dialética que envolve a apropriação subjetiva de espaços físicos localizados numa realidade histórico-cultural. No mesmo caminho, Arcaro e Gonçalves<sup>2</sup> escrevem que a identidade de lugar ocorre por meio do sentimento de possuir, bem como pela possibilidade de questionar os espaços. Em resumo, pode-se entender que a identidade de lugar é mediada



por ações, sentimentos, valores, habilidades, ideais e memórias que são vividas e concebidas pelos moradores.

As atividades e metodologias participativas desenvolvidas visaram fortalecer e promover a apropriação das lideranças comunitárias e compreenderam o corpo escolar, os agentes comunitários, os atores políticos da associação de moradores e demais sujeitos residentes no espaço urbano denominado como bairro Mineira Velha (Criciúma/SC), localizado no Território Paulo Freire. Referente aos extensionistas, o compromisso de realização do diagnóstico rápido participativo<sup>3</sup> exigiu dos acadêmicos envolvidos na condução das atividades do projeto sensibilidade e atenção para as características físico-espaciais, histórico-culturais e psíquicas que se encontram associadas ao território.

As metodologias participativas partem da compreensão de que a participação requer consciência sobre os atos, abrangendo o levantamento das necessidades cotidianas e da realidade para, posteriormente, abordar um planejamento de ação.<sup>4</sup>

Desse modo, o presente projeto de extensão propõe suscitar a autonomia em lideranças comunitárias e promover a participação cidadã. Com a integração de docentes e discentes de áreas multidisciplinares – Psicologia, Geografia e Engenharia Ambiental e Sanitária – a proposta do projeto é oportunizar aos participantes instrumentos para a busca de soluções para os problemas socioambientais locais. Os encontros foram realizados na escola E.M.E.I.E.F. Padre Carlos Wecki, nos quais o grupo trabalhou aspectos de qualidade do ambiente urbano relacionados às seguintes temáticas: urbanismo e urbanidade; mobilidade urbana; gerenciamento de resíduos sólidos urbanos; inclusão social produtiva de catadoras e catadores; saneamento ambiental; gestão pública; educação ambiental; cidadania e territorialidade.

Na proposta de diálogo permanente de ação freiriana, dá-se prioridade à abordagem de temáticas e problemas vividos, percebidos e concebidos pela comunidade na apropriação do espaço urbano e do direito à cidade.<sup>5</sup> Dessa forma, a participação e mobilização social se transformam em estratégias para identificar as causas e solucionar os problemas socioambientais, o que possibilita conquistar melhores condições de vida para todos.<sup>4</sup> Os resultados são alcançados satisfatoriamente quando as necessidades de um

grupo são expressas de forma organizada, o que ocorre, na maioria das vezes, em torno de interesses coletivos. Isso porque interesses coletivos fazem indivíduos se unirem pela defesa de causas que acreditam, tais como a implantação da coleta seletiva solidária e a melhoria das condições de vida no condomínio Residencial Carmel, com o objetivo de fortalecer a participação social para estimular a mobilização social.

A mobilização social<sup>4</sup> pode ser compreendida como o ato de “convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhado” (p. 13). Assim, por “convocar vontades”, entende-se a representação de discursos, decisões e atitudes em torno de um objetivo coletivo que é reflexo da paixão enquanto campo dos afetos e que mobiliza no cotidiano. Nesse sentido,

[...] participar de um processo de mobilização social é uma escolha, porque a participação é um ato de liberdade. As pessoas são chamadas, convocadas, mas participar ou não é uma decisão de cada um. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças (p.13).<sup>4</sup>

Para além de um movimento expresso na condição daquilo que é coletivo e envolve a paixão,<sup>6</sup> acrescenta a participação como movimento político, no qual

[...] participar politicamente significa fundamentalmente tomar parte das políticas públicas. Consiste em formar opinião sobre uma decisão do Estado: em expressar, pública e livremente, essa opinião; e em vê-la levada em consideração. Trata-se de uma meta ainda a ser atingida, pois nenhuma sociedade possibilitou até hoje a plena participação política de todos os seus cidadãos (p. 47).<sup>6</sup>

Contudo, para haver participação política é preciso que haja apego ao lugar. Apego este que, por sua vez, constitui-se por meio da identidade de lugar, que é formada pelas experiências e cognições desenvolvidas nos lugares, que desempenham um papel na emoção e na autorregulação da vida de cada um, ou seja, há uma integração dos componentes cognitivos e emocionais, de modo que apego ao lugar está implícito em identidade de lugar.<sup>7</sup>



Alguns dos comportamentos relacionados ao apego ao lugar ou laços afetivos construídos com lugares podem ser definidos quanto à identidade pessoal: o sentido de pertencimento a um lugar e a apropriação e cuidados com o ambiente, isto é, a forma com a qual um indivíduo passa a direcionar atenção ao lugar no sentido de manter um ambiente prazeroso que satisfaça suas necessidades e sua identidade pessoal.<sup>8</sup>

A formação da identidade de lugar é decorrente da apropriação do espaço e, nesse sentido, esse aspecto deve ser contemplado ao se pensar no favorecimento de diálogos urbanos. A cada relato que o indivíduo faz de si e de seu entorno, retoma a sua história de vida e a história do entorno ao qual pertence. Por meio das narrativas, alcança-se a diversidade subjetiva responsável pela construção daquele ambiente em seu contexto sócio-histórico, o que favorece a integração e a participação dos indivíduos na sociedade.<sup>9</sup>

Nesse contexto, ao discutir e analisar a identidade de lugar e territorialidade, fomenta-se a cidadania enquanto campo de atuação política para as identidades. Conforme salienta Gonçalves,<sup>10</sup> a formação da identidade reúne dimensões e aspectos ambientais, que são internalizados pelos sujeitos por meio de sua interação com os lugares aos quais se sentem pertencentes. A formação da identidade de lugar, por conseguinte, decorre da apropriação ativa do espaço, conforme demonstra a autora citada: “um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa a sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica” (p. 28-29).

A relação entre identidade de lugar, apego ao lugar e mudança social decorre da identificação como grupo, bem como de interesses comunitários. Alguns estudos fornecem evidências de que a identidade de lugar prediz o comportamento pró-comunidade. As pessoas que se identificam mais fortemente com um grupo local apresentaram maior probabilidade de participar das atividades comunitárias, englobando ações coletivas e movimentos sociais.<sup>11</sup> De modo similar, a identidade de lugar leva a uma maior sensibilidade às ameaças ao coletivo; e essa maior sensibilidade às ameaças pode gerar maior participação social em direção a mudanças desejadas. Nesse sentido, ampliar o sentimento de pertença é também ampliar a participação social dos indivíduos.<sup>12</sup>

## **METODOLOGIA**

As atividades aqui relatadas do projeto de extensão “Diálogos Urbanos no Território Paulo Freire: políticas públicas e construção do direito à cidade” são datadas do período compreendido entre 2018/2 e 2020/1 e foram baseadas no atendimento de demandas reconhecidas na e pela comunidade, visando amenizar vulnerabilidades e possíveis riscos socioambientais em uma perspectiva territorial, nos bairros pertencentes ao Território Paulo Freire, mais especificamente o bairro Mineira Velha (Criciúma/SC). Outrossim, as atividades intencionaram o fortalecimento e a reapropriação das lideranças comunitárias, compreendendo-se que historicamente o bairro elegeu democraticamente seus líderes e que, ao se privilegiar os conhecimentos populares, torna-se possível reconhecer a delimitação e o surgimento de outros atores sociais.

Enquanto campo historicamente construído, a intervenção, segundo Marinho Araújo,<sup>13</sup> procura evidenciar as contradições entre as práticas sociais nas relações de poder e as demandas dos sujeitos neste contexto. Assim, ao observar a realidade para mapear espaços, tempos, fazeres, crenças e concepções e para fortalecer o sentido de identidade de lugar, amplia-se a sensibilidade de escuta dos discursos sociais e políticos e criam-se espaços para interlocução e circulação de falas, favorecendo o protagonismo social.

Após aprovação do comitê de ética (3.164.118), na busca de caminhos para resolver e amenizar as situações vivenciadas de vulnerabilidades sociais do bairro, o projeto utilizou metodologias participativas. Para isso, foram realizadas atividades de integração e troca de saberes entre Universidade e Sociedade, tais como: linha do tempo, diagnóstico rápido participativo, muro das lamentações, árvore dos sonhos e atividades e exposições com resgate histórico do processo de construção e reprodução do espaço urbano.

Em um primeiro momento, em 01 de outubro de 2018, ocorreu uma reunião na sala de extensão da UNESC, com a diretora da E.M.E.I.E.F. Padre Carlos Wecki, Tomázia Alexandra Barros Martinhago, para que a equipe do projeto pudesse ficar a par

das dificuldades que o bairro apresentava. Em um segundo momento, as reuniões com a comunidade, sediadas na escola, passaram a ocorrer a partir de 8 de novembro de 2018. A partir da reunião inicial, outros moradores foram convidados pela equipe, por indicação dos funcionários e professores da escola.

Os encontros foram planejados com três objetivos iniciais: conhecimento e integração do grupo; conhecimento do bairro e identificação de vulnerabilidades; e definição de metas e planejamento de ações. Ao todo foram 21 encontros, distribuídos em: 13 encontros compostos de reuniões na UNESC, para o planejamento do projeto; 7 na escola onde ocorre o desenvolvimento de todo o projeto; e 1 no bairro Progresso, para o reconhecimento da Praça Ceu.

O público-alvo do projeto são moradores da comunidade, sendo esses os participantes dos encontros no bairro. Fizeram-se presentes nos encontros vereadores, como Paulo Ferrarezi; a diretora da instituição de ensino E.M.E.I.E.F. Padre Carlos Wecki, Tomázia Alexandra Barros Martinhago; atuais e antigos representantes da associação de moradores, como o presidente de bairro, “Luisinho”; professores da rede municipal de ensino; catadores; e comunidade em geral. A média de idade dos participantes é da faixa etária de 50 anos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **DIAGNÓSTICO RÁPIDO PARTICIPATIVO**

Nos primeiros encontros, as reuniões na comunidade foram voltadas para o reconhecimento do território, sua história e dificuldades que o bairro apresentava até o momento. No decorrer dos encontros, houve relatos de má nutrição, fome, agressão familiar, depressão, manejo incorreto de resíduos, problemas voltados à saúde pública e bem-estar, estes últimos manifestos em formas como o grande número de animais de rua e o fato de já haver infestação de pulgas na escola local devido aos animais adentrarem diariamente o espaço escolar. Além desses, tiveram também relatos de tráfico de drogas e

da forma como ele molda o território da Mineira Velha e, principalmente, do residencial Carmel. Nesse caso, ficam explícitas, por parte dos moradores as relações de poder dentro de um mesmo território.

Compreendendo a existência destas relações de poder no ambiente comunitário e escolar, entende-se, a partir de Marinho-Araújo,<sup>13</sup> que a intervenção, proposta pelo projeto de extensão, deve compreender a contextualização das relações sociais que se originam de forma independente entre os integrantes do grupo.

Por meio do uso de rodas de conversa e metodologias participativas, foi possível ampliar a identidade de lugar e o apego ao espaço. Os moradores olharam para as paisagens antigas e retomaram gradativamente o significado e a origem da comunidade, seu território de ocupação e sua influência religiosa, o que favoreceu o apego ao lugar. A intensidade com que o ambiente possibilita o estabelecimento de certas funções e valores simbólicos gera potencialmente vínculos emocionais com o lugar e, nesse sentido, o indivíduo pode desenvolver o apego ao lugar. O apego ao lugar pode ser definido a partir dos laços afetivos, sentimentos de satisfação, bem-estar e segurança, oriundos das cognições positivas sobre o ambiente físico.<sup>14</sup>

As dinâmicas de grupo estimularam a interiorização pessoal, levando os indivíduos ao reconhecimento de suas limitações, suas dificuldades e seus hábitos. Foi utilizado o mapeamento sociométrico, que consiste em pedir que os moradores se agrupem conforme critérios estabelecidos pelo mediador, os quais foram: aqueles que moram no bairro há mais de dez anos; aqueles cujos filhos frequentam ou frequentaram a escola do bairro; aqueles que reconhecem algumas paisagens do bairro. Esta técnica permitiu a dinamização do grupo de moradores para construir um consenso, impedindo-o de fechar-se sobre si mesmo, de modo que os participantes pudessem crescer dentro do grupo e esse pudesse transformar o ambiente mediante a promoção das pessoas ligadas a ele.<sup>15</sup>

Para a Psicologia Ambiental, o ambiente traz a acepção de ambiente físico, caracterizado pelo mundo vivenciado pelos indivíduos, objetivo<sup>16</sup>, e tem como um de seus pressupostos básicos ser envolvido por um sistema social, inseparavelmente relacionado a



ele.<sup>17</sup> Em outras palavras, toda forma física estrutural encontra-se enraizada no sistema político e econômico na qual foi produzida. Além disso, o ambiente tem valor simbólico e, por esse motivo, contribui para a formação da identidade dos indivíduos.<sup>18</sup>

Para que todo processo se desenvolvesse, foram utilizadas metodologias participativas, ferramentas essenciais para que a comunidade possa expressar seus desejos e conflitos para com o bairro. As metodologias já utilizadas foram: a linha do tempo, o muro das lamentações e a árvore dos sonhos.

## **A LINHA DO TEMPO**

Para aquecimento em direção à técnica da linha do tempo foram distribuídas fotos antigas resgatadas pelos próprios moradores. As pessoas que moravam há mais tempo no bairro reconheceram nas fotos as histórias sobre aquelas pessoas e lugares, relataram suas lembranças e conversaram bastante sobre todas as pessoas importantes que fizeram parte de suas vidas. Em seguida, foi solicitado que fizessem anotações sobre os pontos positivos e negativos, para a criação de uma linha do tempo do bairro. Assim, seguiram contando diversas histórias e lembranças antigas sobre as coisas boas e ruins que aconteceram ao passar dos anos no bairro Mineira Velha. Também foi feita uma consideração, de que os aspectos mais colocados em relação ao bairro foram positivos, sendo que os negativos estavam mais relacionados às perdas de pessoas importantes para os indivíduos.

Paulo Freire<sup>19</sup> encoraja metodologias participativas, ao esclarecer que, para que haja mudanças sociais, é preciso novas disposições mentais, ativistas, por meio da abertura aos problemas comuns. Para que haja coesão social é preciso dispor de experiências de participação, oportunizadas por meio da inserção. Desse modo, a experiência produziria mudança de atitude, passando de ingênua a crítica.<sup>19</sup>

Boa parte dos aspectos negativos da linha do tempo foram colocados a partir dos anos 1980, e as pautas mais exaltadas foram sobre o tráfico de drogas, assaltos e roubos, bem como sobre a situação do lixo no bairro. A maior parte dos relatos dos moradores foi

pessoal, tanto sobre as perdas de pessoas queridas como sobre as suas histórias de vida, na infância, na vida adulta e a partir da mudança de moradia para o bairro. Segundo Colossi,<sup>20</sup> em Criciúma, gradativamente as atividades agrícolas deram espaço à extração de carvão mineral, não havendo preocupações com a infraestrutura urbana futura; portanto, a atividade mineradora foi a moduladora do espaço urbano, ocasionando modificações do espaço natural, destruindo a paisagem e os recursos hídricos da região, ou seja, alterando a paisagem natural. Desse modo, para compreender as perdas relatadas pelos participantes da comunidade, foi necessário conhecer a linha do tempo do bairro.

A Linha do Tempo foi orientada pelo grupo organizador que, por meio dos relatos e documentos apresentados pelos moradores (solicitados previamente), pôde compartilhar os fragmentos da historicidade do bairro na linha expressa em um quadro, de forma cronológica, conforme suas memórias. Ao gerar reflexões acerca do tempo e da participação das pessoas que viveram ali e vivem na sua construção, essa metodologia nos remete ao desenvolvimento histórico social do bairro, fortalecendo o apego ao lugar.

Cavalcanti e Elali<sup>17</sup> descrevem que o apego ao lugar envolve três dimensões. A Dimensão funcional, que trata do papel do espaço físico como elemento que atrai, encoraja ou inibe comportamentos; a Dimensão simbólica, que se refere ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual, intermediando e influenciando no relacionamento pessoa-ambiente, a qual parece presente no discurso dos participantes ao montarem a linha do tempo; e a Dimensão relacional, que diz respeito à interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e as características do ambiente, auxiliando na definição da identidade pessoal e comunitária, o que parece estar presente no relato e indignações dos membros da comunidade a respeito da violência, da ausência de separação de resíduos e da necessidade de castração de animais.

## O MURO DAS LAMENTAÇÕES

O Muro das Lamentações, mediado pelo grupo organizador, trouxe a proposta de reflexão aos moradores sobre suas próprias angústias pessoais e do território da

Mineira Velha, colocando-as em um bloco simbólico. Os participantes receberam as tarjetas e canetas e foram convidados a escrever os problemas existentes no bairro nos tijolinhos. Após um tempo para os participantes escreverem os problemas, a equipe convidou cada participante a explicar os problemas que relatou. Os tijolos foram afixados no muro, agrupados pela semelhança temática.<sup>21</sup> Após juntar as peças de todos os moradores do bairro, foi proposto aos membros dialogar sobre as “lamentações” escritas nos blocos, formando-se por fim um muro pesaroso, denunciando o que os aflige e verificando seu papel nesse contexto. Desse modo, foi possível evidenciar o processo de intitulação dos atores sociais pois, ao problematizar, os participantes aumentaram seu nível de implicação pessoal com o contexto de ação.<sup>21</sup>

O muro das lamentações tem como objetivo perceber quais são os maiores desafios coletivos de uma comunidade, grupo ou escola que precisam ser equacionados para viabilizar melhor qualidade de vida às pessoas. Trata-se de um espaço para debater problemas e ações conjuntas. As pessoas apontam os problemas que as afligem dentro do tema proposto, construindo seu “Muro das Lamentações”, bem como a situação ideal desejada, ao plantar sua “Árvore dos Sonhos”.

## **A ÁRVORE DOS SONHOS**

A oficina “Árvore dos Sonhos” teve sua origem no início da segunda Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada entre 03 e 14 de junho de 1992, no Rio de Janeiro. Nesse evento, reuniram-se mais de cem representantes de Estado, que buscavam meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Pessoas do mundo todo escreveram seus sonhos de futuro em papéis em forma de folhas de uma árvore. Essas folhas foram penduradas nos galhos de uma árvore gigante, que foi instalada na praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, como símbolo de um futuro mais feliz para todos. Desse modo, a árvore dos sonhos tem como objetivos: fazer com que as pessoas, grupos ou comunidades envolvidas possam sonhar com um espaço melhor para viver;

resgatar ideias comuns para melhor qualidade de vida; organizar o pensamento coletivo, visando um planejamento futuro.<sup>22</sup>

A Árvore dos Sonhos foi o momento em que os participantes escreveram seus sonhos nas folhas da árvore levadas pelo grupo organizador. Nela foi possível visualizar os desejos/sonhos em comum da comunidade e, por fim, foram eleitos os sonhos com maior prioridade de alcance. Assim os participantes – diretora, catadores e moradores do bairro – conseguiram visualizar o que precisava ser alcançado em primeira instância, norteando o caminho para suas conquistas. Todo o processo de construção e discussão foi mediado pelos bolsistas e professores.

Quadro 1 - Levantamento e priorização dos sonhos a partir da árvore dos sonhos

<b>Sonhos</b>	<b>Priorização</b>
Coleta seletiva	19
Animais nas ruas	5
Segurança	4
Valorização da educação e dos professores	4
Projetos na comunidade	3
Melhoria na qualidade de vida da comunidade	3
Desenvolvimento	3
União de todos	3
Saúde de qualidade	3
Aposentadoria	2
Distribuição de renda	2
Ter uma propriedade	2
Menos violência doméstica	1
Emprego	1

## Combate às drogas

1

---

Fonte: Autoria própria (2020).

O decorrer do processo na comunidade se efetua a partir do quadro 1 acima, no qual os dois grandes objetivos são: a coleta seletiva e o controle dos animais e zoonoses no bairro. Com isso, os últimos encontros se deram de forma voltada aos sonhos e objetivos construídos pela comunidade. O papel desempenhado pelos professores e bolsistas é apenas de mediação das situações e contatos, para que a comunidade saiba com quem entrar em contato e os problemas sejam resolvidos de forma definitiva. As dinâmicas de grupo vêm estimulando a interiorização pessoal, levando os indivíduos ao reconhecimento de suas práticas individuais, comunitárias e da promoção dessas práticas. As técnicas permitem a dinamização do grupo de moradores para construir um consenso mediante as necessidades pontuadas durante cada encontro.

### **MINEIRAR: O RESGATE DA IDENTIDADE DE LUGAR**

Por meio dos encontros quinzenais na E. M. E. I. E. F. Padre Carlos Wecki, o grupo, formado por acadêmicos, bolsistas, professores orientadores do projeto Diálogos Urbanos, associação de moradores do bairro Mineira Velha, moradores da comunidade, gestão escolar e professores da referida escola, pensou em uma atividade que pudesse resgatar a história e a identidade do bairro Cidade Mineira Velha, de Criciúma, surgindo então o “I Mineirar – Reciclando Histórias de Vida e Ideias”.

Dessa forma, pretendeu-se trabalhar por meio do ambiente, em seus aspectos físicos, sociais e emocionais. Para a Psicologia Ambiental, o ambiente traz a acepção de ambiente físico, caracterizado pelo mundo vivenciado pelos indivíduos, e tem como um de seus pressupostos básicos ser envolvido por um sistema social, inseparavelmente relacionado a ele.<sup>17</sup> Em outras palavras, toda forma física estrutural encontra-se enraizada no sistema político e econômico na qual foi produzida. Além disso, o ambiente tem valor simbólico e, por esse motivo, contribui para a formação da identidade dos indivíduos.<sup>18</sup>

O evento teve como base o livro Cidade dos Mineiros, publicado em 2014 por Brunelli et al.,<sup>23</sup> moradores da Cidade Mineira Velha. O livro conta a história do bairro, lugar onde os autores habitam desde a infância. O bairro, como narra o livro, foi palco de grandiosos marcos históricos, tanto regionais quanto nacionais.

O Bairro da Cidade Mineira Velha surge em meio a ocupações de residências abandonadas na localidade. O Sindicato dos Mineradores, em 1957, sugeriu a construção de uma vila para atender os mineradores que trabalhavam nos entornos da Cidade dos Mineiros. Tal projeto de loteamento não chegou a ser concluído e deixou algumas residências prontas, mas sem infraestrutura para atender a população, ou seja, sem água, energia elétrica, sistema de esgoto e pavimentação. Ainda assim, os primeiros moradores da Cidade dos Mineiros ocupam estas residências. Posteriormente, o projeto de loteamento foi concluído, novas residências também foram surgindo nas redondezas das primeiras construções, e o território das primeiras casas foi chamado de Cidade Mineira Velha.<sup>24</sup>

A principal fonte econômica do bairro, assim como da cidade de Criciúma em sua constituição, foi a mineração de carvão – daí o nome “Cidade Mineira Velha” –, é vivido nas histórias trazidas pelos moradores o impacto que a mineração de carvão teve em suas vidas:

Os moradores da região estavam todos, de alguma forma, ligados ao carvão. Havia os trabalhadores das carboníferas ou minas maiores, e havia os que exploravam carvão em suas terras ou em terras arrendadas, nas minas a céu aberto; alguns vendiam mercadorias aos trabalhadores e familiares, ou à própria mineradora (p. 137).<sup>23</sup>

Outro marco vívido na memória dos moradores mais antigos, que pode ser resgatado da obra de Brunelli,<sup>23</sup> refere-se à ditadura militar, em 1964, quando a Mineira foi cercada por militares que buscavam líderes de uma suposta revolução construída no bairro, alegando que o motivo do cerco era a existência de ‘armas pesadas’ enterradas na localidade. Não obstante, os moradores também relataram que os militares chegaram a prender pessoas e realizaram ações truculentas no bairro da Cidade Mineira Velha.

São histórias como essas, contadas pelos moradores e publicadas em um livro pela própria comunidade, que trazem à tona o discurso ético-político lá constituído. Nesse sentido, a ideia do evento teve em vista o fortalecimento da identidade de lugar via territorialidade.

Alguns dos comportamentos relacionados ao apego ao lugar ou aos laços afetivos construídos com lugares podem ser definidos quanto à identidade pessoal, ao sentido de pertencimento a um lugar e à apropriação e cuidados com os ambientes, que é a forma com a qual um indivíduo passa a direcionar atenção ao lugar, no sentido de manter um ambiente prazeroso, que satisfaça suas necessidades e sua identidade pessoal.<sup>8</sup>

Assim, o evento Mineirar propôs o fortalecimento do sentido de pertencimento, afetando a apropriação e cuidados com o ambiente, identificados como necessários pelos próprios moradores. Partindo de narrativas e necessidades da comunidade, o grupo formado se reuniu durante todo o semestre de 2019/2, discutindo e organizando a viabilidade do evento, que ocorreu em 23 de novembro do mesmo ano.

Durante o evento, que durou todo o período da manhã de um sábado chuvoso, houve atividades como as apresentações organizadas pela escola que, por meio de danças e teatros, apontou marcos históricos e atuais da sociedade cricumense, com enfoque no bairro Cidade Mineira Velha. A escola também preparou uma oficina para a fabricação de sabão caseiro, a partir de óleo já utilizado. Desse modo, as atividades do evento tiveram como objetivo o resgate das necessidades elencadas na árvore dos sonhos, reunindo moradores e figuras públicas a fim de pôr em foco as necessidades comunitárias e resgatar a história do bairro, ampliando a apropriação do espaço de forma sustentável e favorecendo o apego ao lugar.

Conforme já citado, Cavalcanti e Elali<sup>17</sup> trazem o apego ao lugar a partir de três dimensões. A Dimensão funcional, que traz a função do espaço físico para fomentar ou inibir comportamentos; a Dimensão simbólica, que se refere ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual, intermediando e influenciando o relacionamento pessoa-ambiente; e a Dimensão relacional, que diz respeito à interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e as características do ambiente, auxiliando na definição da

identidade pessoal e comunitária. Assim sendo, como dimensão funcional, percebemos que durante e após o evento não houve nenhuma ação de vandalismo dos espaços. Como dimensão simbólica, percebemos o interesse majoritário da comunidade pelo túnel do tempo, momento em que crianças e adultos paravam diante das fotografias e procuravam nelas rostos conhecidos que de algum modo lhes contassem a história do bairro ou que trouxessem para mais perto essa história, isto é, a busca pela personalidade. Já como dimensão relacional, percebemos o interesse da comunidade pela continuidade do evento e o envolvimento durante a sua preparação e divulgação.

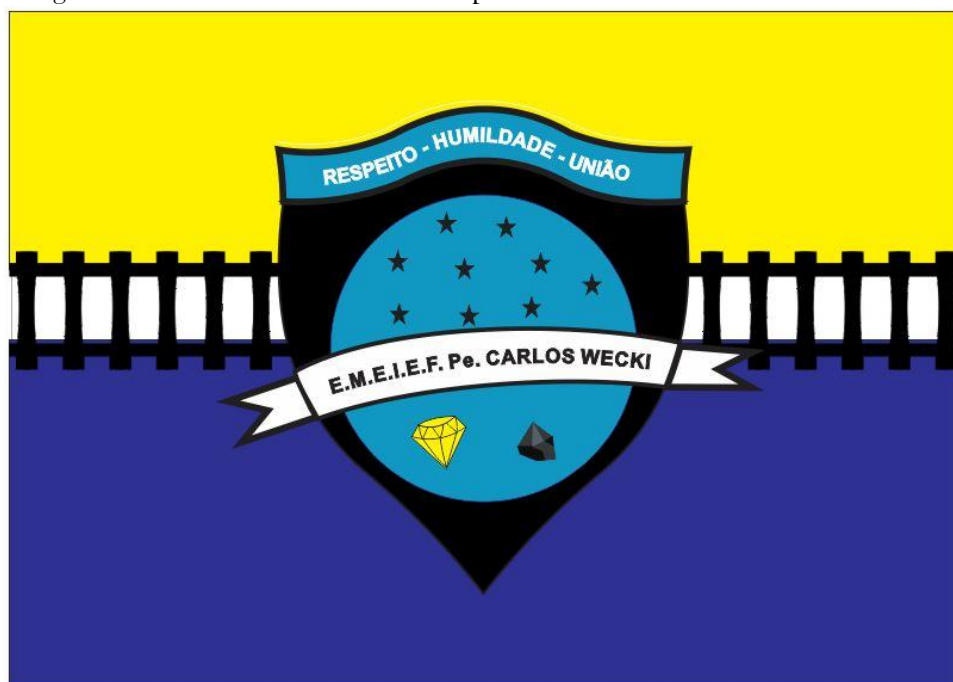
Foram preparadas oficinas pelos professores e acadêmicos do projeto de extensão Diálogos Urbanos, tais como a oficina em Role Play, que buscava dramatizar contos elaborados a partir da história de moradores da comunidade. Durante a dramatização, surgiram aspectos relativos a papéis cristalizados de gênero, que puderam ser manejados pelos próprios participantes. A Dramatização propicia a interlocução de histórias e a ressignificação de emoções, de modo que os sujeitos conseguem ser partícipes de uma história de modo atemporal.<sup>25</sup>

Houve ainda a criação de um túnel do tempo com a exposição de fotos marcantes do bairro e contação da história das respectivas fotos. As fotos foram reunidas a partir do acervo do Sr. Luiz Lima, morador do bairro e atual presidente da associação de moradores. O Sr. Luiz Lima, ou 'Luizinho', como é conhecido no bairro, é um dos autores do livro acima mencionado e possui um imenso acervo de imagens, vídeos e histórias do bairro. Além do livro, Luizinho publica suas fotos e vídeos com narrativas da comunidade em suas redes sociais e possui um canal no YouTube voltado a contação de histórias do bairro. A liderança comunitária tem papel de grande significado quando falamos de desenvolvimento local, visto que procura melhorar as condições de vida do território. A liderança comunitária deve promover os interesses dos moradores da comunidade, ou seja, transcender os seus próprios interesses individuais para o bem da comunidade, exercendo um profundo efeito que leve em consideração não só as preocupações e necessidades de desenvolvimento da comunidade, mas também de todos os seus membros.<sup>26</sup>



Valendo-se do evento, a direção da E.M.E.I.E.F. Padre Carlos Wecki desenvolveu uma atividade entre os alunos, para que criassem uma bandeira capaz de representar a escola na relação que essa desenvolve com o bairro. A bandeira escolhida pela comissão avaliadora foi confeccionada e, após a revelação aos alunos da escolha, foi hasteada como um símbolo da escola e do espaço que ocupa dentro daquela comunidade. Um momento emocionante para a escola, para os alunos e para a comunidade ali reunida que assistia.

Imagem 1 - Bandeira confeccionada pelos estudantes



Fonte: Rafael Marangoni e Isabela Seberino de March (2019).

Na figura 1, a bandeira que fora construída a partir da junção de ideias dos dois melhores desenhos escolhidos pela comissão avaliadora da escola traz em seus traços símbolos que caracterizam a história da comunidade, Os trilhos e o carvão, os quais rasgaram as entranhas da terra às custas de vidas que foram sacrificadas para garantir, no processo de exploração da mão de obra, a apropriação dos recursos naturais que transformaram o espaço e consolidaram um bairro com o sonho de ser Cidade Mineira

ou o gueto esquecido de trabalhadores que se mantêm à margem da sociedade. As palavras “respeito”, “humildade” e “união”, destacadas na bandeira, são trazidas pelos educandos como sonhos a serem alcançados pelos membros da comunidade.

Por fim, a presença do próprio Padre Carlos Wecki, que doou seu nome para a escola, enfatizou o resgate histórico que pretendia o evento. O padre é ilustre no bairro, esteve presente na criação da escola, na construção e distribuição de casas para famílias mineradoras na época em que o bairro se constituía, além de cumprir as obrigações e ritos da igreja católica, o que firmou a população de fiéis desta religião na comunidade.

Vale ressaltar que, apesar do tempo chuvoso, o número de alunos da escola e familiares, além dos demais moradores do bairro foi significativo: estipula-se que havia aproximadamente 200 pessoas.

Desse modo, alcançou-se junto à comunidade a perspectiva freiriana, que propõe que, por meio de sua constante ação transformadora da realidade objetiva, os homens concomitantemente criam a história e se fazem seres histórico-sociais.<sup>27</sup> No que concerne à transformação social,

Esta prática implica, por isto mesmo, em que o acercamento das classes populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem ‘salvadora’, em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com que estão (p. 101).<sup>27</sup>

Resgatar a história da Cidade Mineira é mais do que resgatar o papel do carvão-mercadoria: é resgatar a valorização das pessoas em seu espaço construído, que lhes dá identidade com o território vivido, percebido, conquistado no exercício do poder, no exercício de cidadania e construção do direito à cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência relatada ressalta o potencial de aplicação das metodologias participativas em ambiente comunitário. O uso dessas metodologias se mostrou muito

eficaz na coesão e união do grupo, de modo que cada oficina realizada ampliou o conhecimento da equipe do Projeto Diálogos Urbanos sobre o bairro e do bairro sobre si mesmo. As metodologias participativas proporcionaram uma participação ativa, de forma que a análise crítica do ambiente fosse feita pelos próprios moradores, sendo que a equipe do projeto de extensão apenas se deteve na função de agente mediador do processo. Outro ponto positivo para essas metodologias é a capacidade de integração do grupo, com a promoção de mais diálogo, troca de ideias e valorização dos saberes populares.

A integração dos membros do grupo foi o fator mais importante para a busca de soluções para as vulnerabilidades identificadas no território. A coesão grupal, tendo em vista a territorialidade, torna o grupo mais forte e os integrantes cooperam muito mais entre si, possibilitando bons resultados por meio do fortalecimento da identidade de lugar.

## **Referências**

1. PONTE, Alexandre Quintela; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; PASCUAL, Jesus Garcia. Considerações teóricas sobre Identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. *Psicologia argumento*, Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28378>. Acesso em: 27 abr. 2020.
2. ARCARO, Rosevane; GONÇALVES, Teresinha Maria. Identidade de lugar: um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no município de Timbé do Sul, Santa Catarina. *Raega: o espaço geográfico em análise*, Curitiba, v. 25, p. 38-63, 20 mar. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/28003/18632>. Acesso em: 27 jul. 2019.
3. VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p.
4. TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

5. LEFEBVRE, Henri. Direito à cidade. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001
6. SAMPAIO, Plínio de Arruda. Participação Popular. In.: TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves (Org.). Os sentidos da democracia e da participação. São Paulo: Instituto Pólis, 2005. p. 47-50.
7. KORPELA, Kalevi; KYTTÄ, Marketta; HARTIG, Terry. Restorative experience, self-regulation, and children's place preferences. *Journal of environmental psychology*, v. 22, n. 4, p. 387-398, 2002.
8. FELIPPE, Maíra Longhinotti; SANTOS, Raymundo Luana; KUHNEN, Ariane. Investigando laços afetivos com a escola a partir de mapas ambientais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 13, n. 3, p. 1010-1038, 2013.
9. ALENCAR, Helenira Fonsêca; FREIRE, José Célio. O lugar da alteridade na psicologia ambiental. *Revista Mal-estar e subjetividade*, v. 7, n. 2, p. 305-328, 2007.
10. GONÇALVES, Teresinha Maria. Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
11. BAMBERG, Sebastian; REES, Jonas; SEEBAUER, Sebastian. Collective climate action: Determinants of participation intention in community-based pro-environmental initiatives. *Journal of Environmental Psychology*, v. 43, p. 155-165, 2015.
12. FISCHER, Peter; HASLAM, S. Alexander; SMITH, Laura. "If you wrong us, shall we not revenge?" Social identity salience moderates support for retaliation in response to collective threat. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, v. 14, n. 2, p. 143, 2010.
13. MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. *Em aberto*, v. 23, n. 83, p. 17-35, 2010.
14. GIULIANI, Maira Vittoria. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. *Psicologia e ambiente*, v. 1, p. 89-106, 2004.
15. SOBRINHO, Elizabele Maria; ANTUNES, Maria Cristina. Reflexões sobre o uso do facebook e as redes sociométricas do psicodrama. *Psicologia Argumento*, v. 32, p. 99-109, 2017.
16. EVANS, G. L'importance de l'environnement physique. *Psicologia USP*, v. 16, n. 1/2, p. 47-52, 2005.

17. CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Temas básicos em psicologia ambiental. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.
18. RIVLIN, Leanne G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. Estudos de Psicologia, Natal, v. 8, n. 2, p. 215-220, 2003.
19. FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
20. COLOSSI, Giuliano Elias. O processo de apropriação do espaço urbano em loteamentos populares: um estudo de caso no loteamento cidade dos mineiros. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma/SC, 2005. 242 f. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net>. Acesso em: 27 jan. 2020.
21. CAMPOS, Júlia Morona de et al. Metodologias participativas como instrumento de gestão territorial: experiência no Bairro São Francisco, Criciúma - SC. In: LADWIG, Nilzo Ivo; SCHWALM, Hugo (Org.) Planejamento e gestão territorial: a sustentabilidade dos ecossistemas urbanos. Criciúma, SC: EDIUNESC, p. 202-218, 2018. Cap. 9. DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pgt09>.
22. ARAÚJO, Juliana Barreto Silva; DA SILVA, Cherley José; SANTANA, Camilla Gentil. Oficina do futuro como metodologia de formação inicial com alunos do PIBID. Encontro internacional de formação de professores e fórum permanente de inovação educacional, v. 8, n. 1, p. 2-10, 2015.
23. BRUNELLI, Dirlene et al. A cidade dos mineiros: bairro cidade mineira velha. Criciúma: Coan, 2014. 430 p.
24. DAL MOLIN, Ana Paula Zeferino; RABELO, Giani. O bairro Cidade Mineira Velha e a construção da Escola Municipal Padre Carlos Wecki. Ediunesc, Criciúma, v. 1, n. 2, p.1-22, dez. 2017. Semestral. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/pedag/article/view/3389>. Acesso em: 21 mai. 2020.
25. CASTRO, Amanda; ALMEIDA, Viviane. O psicodrama de grupo e a resignificação de sentimentos: o adolescente no palco. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 25, n. 1, p. 101-107, 2017.
26. BORGES, Francisco César de Mattos (Org.). Transformaciones regionales y urbanas en Europa y América Latina: a importância da liderança comunitária no processo de desenvolvimento local. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2003. 214 p.

Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=fqJBxqBvWqYC&oi=fnd&pg=PA41&dq=related:GpY1Lmsb87y2HM:scholar.google.com/&ots=mmkmhT3aLp&sig=BIck1Em5lbHvit22cQY9HD0BNE0&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=true](https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=fqJBxqBvWqYC&oi=fnd&pg=PA41&dq=related:GpY1Lmsb87y2HM:scholar.google.com/&ots=mmkmhT3aLp&sig=BIck1Em5lbHvit22cQY9HD0BNE0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true). Acesso em: 22 maio 2020.

27. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. *Ação cultural para a Liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.